

Transições

Centro Universitário Barão de Mauá

<https://doi.org/10.56344/2675-4398.v4n2a2023.7>



Título

Por uma história da educação no nordeste paulista

Autores

Rafael Cardoso de Mello

Ano de publicação

2023

Referência

MELLO, Rafael Cardoso. Por uma história da educação no nordeste paulista. **Transições**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 2, 2023.

POR UMA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO NORDESTE PAULISTA

TOWARDS A HISTORY OF EDUCATION IN THE NORTHEASTERN SÃO PAULO

Resenha da obra: SOUZA, Sauloéber Tarsio de; FURTADO, Alessandra Cristina (orgs.). **História da Educação no nordeste paulista**. Campinas: Pontes Editores, 2020.

Rafael Cardoso de Mello*

INTRODUÇÃO

Entre leituras e pesquisas próprias do cotidiano da pós-graduação, estive, em 2020, cercado de livros e fontes que tocavam a História da Educação na região de Ribeirão Preto, objeto de estudo de minha tese de doutorado. Atento às novidades da área, vi-me debruçando-as por muitas vezes, porém sem esperar uma publicação que articulasse, tão proximamente, aspectos que buscava em minha análise histórica. Ao receber em mãos a notícia segundo a qual “História da Educação no nordeste paulista” seria publicado no mês de março daquele ano, senti grande alegria, além de uma sensação menos “solitária”, ao me perceber compartilhando espaços acadêmicos com outros pesquisadores.

* Doutor pelo do Programa de pós-graduação em Educação (USP/Ribeirão Preto), Mestre em História (UNESP/Franca). Licenciado em História, Pedagogia e Filosofia. Coordenador do curso pós-graduação em “História, cultura e sociedade” do Centro Universitário Barão de Mauá (Ribeirão Preto/SP).

O título da obra, organizada pelos professores Sauloéber Tarsio de Souza e Alessandra Cristina Furtado, acendeu-me diversas luzes: alegria, pela produção; curiosidade, pelas tratativas teóricas e metodológicas; além de interesse, por verificar como o mesmo objeto pode ser contornado de outras maneiras por olhares distintos. De todos estes vagalumes, escolho, para este texto-resenha, uma estratégia que penso ser mais oportuna – uma avaliação da obra pela sua posição no “lugar social” em que postula. Por isso, o título da resenha: “Por uma história da educação no Nordeste Paulista”.

O conceito de “lugar social” é empregado, a partir dos escritos do historiador Michel de Certeau, como um lugar de produção da História em suas esferas socioeconômica, política e cultural. Somado à “prática” de pesquisa e à “escrita”, conferem o que o autor chamou de “operação historiográfica”. Segundo ele, “fazer história” depende de variantes cujas influências são poderosas e minam o estatuto científico positivista da neutralidade (DECERTEAU, 2008).

De minha parte, ao resenhar a obra de Souza e Furtado, pretendo produzir relações entre o livro e o campo historiográfico regional citado, problematizando as escolhas dos envolvidos quanto ao campo da História da Educação. E faço-o através de uma escrita que busca, muitas vezes em primeira pessoa do singular, conceber a avaliação dos capítulos e de sua relação com a proposta da obra, tal como este conjunto de investigações pode ser concebido na comparação com aquilo que foi desenvolvido com os demais pesquisadores e abordagens percebidas ao longo do tempo na região de Ribeirão Preto.

Portanto, é importante lembrar o leitor de que meus primeiros escritos acadêmicos, oriundos de trabalhos de pesquisa em História, ocorreram na cidade de Ribeirão Preto, interior do Estado de São Paulo. Recordo-me bem das expectativas, das discussões, dos cafés e dos

debates entre colegas que compartilhavam o mesmo contexto político que envolvia aquele momento de minha formação como pesquisador. Alguns elementos foram fundantes para tais investigações, próprios da transição dos anos 1990 para os 2000, marcada, de alguma maneira, pela presença dos movimentos sociais, pelo 11 de setembro, pela vitória do PT e de Lula como presidente eleito no fim de 2001, etc. A formação de historiadores e pesquisadores estava ali embebida de uma crítica ao governo FHC e, de certa forma, otimista com a possibilidade de pautas alinhadas à esquerda com a chegada do Partido dos Trabalhadores ao poder.

Do ponto de vista acadêmico, os pesquisadores estavam “descobrimo” a cidade. Fosse no Arquivo Público de Ribeirão Preto, nas bibliotecas municipais, na Câmara dos Vereadores, nos Museus, enfim, em todos os espaços em que tive oportunidade de encontrar professores e pesquisadores mais experientes, as conversas costumeiramente me levavam a um “lugar” comum: as cidades da região eram celeiros de produções historiográficas originais. Cito, aqui, professores como Lages (1996), Rodrigo Paziani (2004), Sérgio Fonseca (2012), Liamar Tuon (1997), entre tantos outros com que pude aprender sobre “as ausências” da História de Ribeirão Preto e região.

Mesmo quando conheci alguns grupos de pesquisa e seus trabalhos que tocavam a cidade, percebi que ainda existia um debate rico entre os chamados memorialistas (cronistas locais, advogados, médicos e outros sujeitos que produziram textos acerca da história local) e os recém-historiadores, autores de teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação *strictu-senso* da USP, UNESP e UNICAMP, preferencialmente. Foi desta forma que recebi as primeiras características do “lugar social” destas produções.

A partir dos anos 2000, o painel modificou-se bastante. Tendo em vista o crescimento de cursos de pós-graduações, vagas e interesse sobre a história local, as cidades do interior paulista (e, em especial, da região nordeste do território) passaram a ser mais presentes entre os projetos das Universidades citadas, além de outras IES – como a UFU (Uberlândia/MG) – e, principalmente, o Centro Universitário Barão de Mauá (Ribeirão Preto/SP).

Sobre os cursos de graduação em História e pós-graduação em “História, Cultura e Sociedade” do Centro Universitário Barão de Mauá – única IES que oferece a formação em História em Ribeirão Preto –, são mais de 500 trabalhos de pesquisa desenvolvidos entre 2003 e 2020, contribuição mais que significativa acerca da memória da cidade e da região (MELLO, et al, 2020).¹

Podemos perceber temas mais e menos recorrentes na produção. Em virtude da forma com que a memória regional revela certo apreço pelo período cafeeiro, boa parte da produção historiográfica local ateuve-se ao ciclo do café e seus desdobramentos de ordem política, social e cultural (MELLO, 2023). O processo de urbanização e modernização das cidades do Nordeste Paulista é um tema saturado para muitos historiadores (PEREIRA, 1998; FARIA, 2003; PAZIANI, 2004; MELLO, 2009). Em contrapartida, a presença dos grupos étnicos minoritários e excluídos ainda está sendo levantada e analisada (CINTRA, 2001, FRANÇA, 2006; GARCIA, 2004; REIS, 2002; ROSA, 2008).

Nesta interpretação do campo historiográfico, avalio que o período que antecede a chegada da ferrovia Mogiana (anterior ao ano de 1883), tal como aquele que sucede a crise de 1929, são secundários.

¹ Ministrei entre 2013 e 2018 a disciplina “História de Ribeirão Preto” no curso de História do Centro Universitário Barão de Mauá. Nela, o debate historiográfico com os alunos era presente e reavaliávamos ano após ano as mudanças perseguindo as produções de mestrado, doutorado e monografias de conclusão de curso nas IES citadas.

Encontramos, porém com menos frequência, pesquisas sobre a região que interpretem a historicidade envolvida no contexto 1930-1960. Já, ao fixarmos o olhar as pesquisas sobre as décadas de 1960 e 1970, há presença notória de trabalhos cujo interesse estão voltados à ditadura civil-militar. Por fim, destacam-se os estudos mais “presentistas” e seu debate (nem sempre frutífero) quanto à natureza histórica-historiográfica de seus textos.

Eis, portanto, minha surpresa ao receber a grata notícia da publicação da obra “História da Educação no nordeste paulista”, organizada pelos professores Sauloéber Tarsio de Souza e Alessandra Cristina Furtado.

De início, a obra revela seriedade e organização. Além do prefácio e posfácio, escritos por, respectivamente, Carlos Monarcha e Raquel Discini, contabilizam-se dez capítulos divididos em dois grupos: pesquisas sobre História da Educação em Franca e outro grupo sobre pesquisas em História da Educação em Ribeirão Preto. Nos textos de prefácio e introdução, os autores reconhecem, de antemão, a natureza polifônica dos capítulos uma vez que cada autor emprega uma metodologia específica e traz um recorte de uma pesquisa (mestrado ou doutorado) já realizada.

Em geral, pode-se dizer que os temas e objetos também correm nesse mesmo sentido, por exemplo, na primeira parte, os temas selecionados em Franca foram: “História da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Franca (1963-1976)”; “Colégio dos Maristas: a educação para a elite de Franca e região (1902-1971)”; “Movimento estudantil secundarista e autoritarismo no Brasil (Franca:1964-1970)”; “O universo educacional pelo olhar da imprensa francana (década de 1960)” e “Educação e cidadania, liberalismo e exclusão: a dualidade educacional em Franca na Primeira República”; enquanto os temas da

segunda parte foram: “O Ensino Normal no nordeste paulista: implantação e consolidação das Escolas Normais em Ribeirão Preto (1928-1946)”; “A expansão da Escola Secundária pública na região de Ribeirão Preto (1934-1963)”; “A atuação do inspetor de Ensino na rede pública paulista (1922-1930): análise dos termos de visita”; “Grupos escolares e o Ginásio do Estado: fragmentos da História da educação em Ribeirão Preto/SP (primeiras décadas do século XX)”; e “Um templo na roça: estudo sobre as escolas rurais no interior do Estado de São Paulo (1960 e 1970)”.

Como ponto de partida, registra-se a felicidade dos organizadores ao observar a riqueza nas diferenças entre as propostas de pesquisa, promover os convites para os autores e pôr em marcha a publicação deste mosaico. A obra nos oportuniza uma percepção bem interessante do campo da História da educação nas duas cidades. Vamos avaliar os temas cidade a cidade.

Quanto à primeira parte, percebe-se uma História da educação pelo viés institucional em pelo menos dois capítulos, outro texto organizado pelas imagens da mídia local, outro ainda a partir da resistência estudantil na Ditadura Civil-Militar de 1964 e, por fim, o último capítulo, em que se percebe um sobrevoo ao projeto de educação na cidade nas primeiras décadas da República, tendo como material as fontes do Estado e da imprensa local.

A segunda parte, por sua vez, oferece capítulos de uma História da Educação também institucional. De certa forma, todos buscando os contornos de um certo projeto excludente e de interesses à manutenção de um *status quo* sociocultural semelhante à realidade francana.

Posto que nossos registros desejam contornar um lugar social, estes apontamentos iniciais convidam a algumas reflexões. Primeiro: com quem dialogam estes pesquisadores? Em segundo lugar, qual a tradição

dos estudos sobre História da Educação nas duas cidades? E, terceira demanda, de que maneira estes trabalhos cercam o Nordeste Paulista, como o título da obra indicia?

Vamos por partes. Primeiro, os teóricos. Cada autor trabalhou com referências teóricas específicas. Registro, para observação geral, a presença dos clássicos da Sociologia da Educação, como Pierre Bourdieu, e de historiadores da cultura, como Roger Chartier. Encontramos em quatro (dos dez) capítulos estes autores; em outros quatro, a ausência de referencial específico e, em seu lugar, a presença de uma quantidade significativa de fontes primárias.

O diálogo crítico de Bourdieu e analítico das representações sociais auxiliam a construção de uma historiografia da educação. Não há, ainda, um estado da arte em que estas obras possam relativizar o tempo das produções de outras, além de notarmos a discussão com os memorialistas presente em mais de três capítulos.

Outro ponto de destaque é o trabalho com as fontes. Caracterizo como destaque tendo em vista a facilidade no encontro de perspectivas originais de História da Educação. Muito provavelmente (em certos casos, os autores assumem), estes documentos foram lidos por historiadores pela primeira vez. Por isso, o peso na “descoberta” e não na natureza da leitura.

Assim sendo, passo a me dedicar à segunda pergunta, quase que decorrente do pensamento em construção – “qual a tradição dos estudos sobre História da Educação nas duas cidades?”. Não creio que haja uma tradição já construída. Pelo contrário. Entendo que está para se construir e que a obra vem em bom tempo, em tempo de propor uma pedra fundamental nas discussões historiográficas por meio do coletivo dos trabalhos. Souza e Furtado principiam um movimento igualmente

original e entregam aos historiadores da área obra fundamental nesse sentido – o que não nos isenta, naturalmente, de questionamentos.

Por exemplo, não percebo tendência (entre os capítulos) a uma observação das ações dos sujeitos e de suas negociações com o mundo educacional. O que se viu, na maioria dos casos, foi uma história vinda de cima, institucional, mesmo quando falava “do de baixo”.

Michel De Certeau mais uma vez é importante, uma vez que, segundo o autor, a nomeação da cultura do outro é sempre uma estratégia de poder, enquanto a vida é vivida na prática. Pensar a história da educação (dos educadores e dos sujeitos que foram objeto dos processos de educação) pode significar, também, compreender o que foi “esquecido”, “escamoteado”, “mal avaliado”. No binômio estratégias e práticas, as ações dos sujeitos ganhariam outros sentidos no processo de inserção da educação no Nordeste Paulista. Questiono de que forma o conceito cultura parece operar de maneira móvel apenas para os desejos do capital e não na sua condição tempo-espaço, como movimento e reinvenção.

A última questão – “qual é a História da Educação do Nordeste Paulista?” – me incomodou. A escolha da baliza espacial não parece ser organizada mediante a presença da divisão proposta no livro (Ribeirão Preto e Franca). Em outras palavras, não creio que o livro possa se posicionar como um recorte específico da região nordestina do território paulista, uma vez que as realidades desenvolvidas, nos demais núcleos urbanos próximos às duas cidades citadas, não carregam a mesma “trajetória” ou “dinamismo histórico” avaliados nos capítulos.

A escolha das cidades de Franca e Ribeirão Preto se realiza, em parte, pela presença significativa de dissertações e teses sobre estas cidades. É natural que a maior parte das investigações toque Ribeirão Preto e Franca devido a duas características do campo historiográfico: a

primeira, a presença de historiadores que se debruçam sobre núcleos urbanos com maiores índices de desenvolvimento ou espaço na economia da região, o que é o caso de Ribeirão Preto, uma das principais capitais do agronegócio no Brasil, detentor de grandes investimentos na área da saúde e com mais de 700 mil habitantes segundo o último censo. Quanto à segunda característica, cabe lembrar-se de que grande parte dos estudos acadêmicos em História da região aconteceu no programa de pós-graduação em História da UNESP, localizada na cidade de Franca. Portanto, parte considerável destes estudos foi elaborado mediante a busca e o desbravamento dos arquivos da cidade, cuja história data de muitas décadas antes de Ribeirão Preto.

Como sabemos, tais realidades da porção nordeste da Província de São Paulo carregam alguma similaridade, tendo em vista a inserção da região no ciclo cafeeiro e, portanto, no sistema-mundial moderno. Contudo, suas particularidades se expressaram nas formas com que aceleraram (ou não) as vivências desta experiência moderna de introdução dos cafezais e das consequências para a vida urbana instalada nas últimas décadas do século XIX.

A exemplo, cito as diferenças temporais entre a chegada dos trilhos da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e os equipamentos urbanos cidades como São Simão, Batatais, Jaboticabal, Jardinópolis, Sertãozinho e Orlandia, para além de Ribeirão Preto e Franca:

Quadro 1 – Comparativo das iniciativas de transformações urbanas entre São Simão, Ribeirão Preto, Batatais, Franca, Jaboticabal, Jardinópolis, Sertãozinho e Orlandia.

| | São Simão | Rib. Preto | Batatais | Franca | Jaboticabal | Jardin. | Orlândia | Sertãozinho |
|-----------------------------|-----------|------------|--------------------------|-----------------------|-----------------|---------|---------------|-------------|
| <i>Chegada da ferrovia</i> | 1882 | 1883 | 1886 | 1887 | 1893 (*****) | 1899 | 1901 | 1904 |
| <i>Ajardinamento</i> | | 1902 | 1886 (***) | | 1905 | 1904 | 1914 | |
| <i>Iluminação elétrica</i> | | 1899 | 1904 | 1904 | 1910 | 1911 | 1907 | 1912(?) |
| <i>Água encanada</i> | | 1898 | 1894 | 1902 | 1911 | 1911 | 1908 | 1903 |
| <i>Sistema de Esgoto</i> | | 1900 | 1911 | 1913 | 1911 | | | |
| <i>Matadouro</i> | | 1892 | 1898 | 1898 (*) | | | 1910 | 1903 |
| <i>Mercado municipal</i> | | 1902 | 1899 | 1896 | | | | |
| <i>Teatro (Cine-Teatro)</i> | 1890 | 1897 | 1890 / 1911 (****) | 1874/1 924 (**) | 1929 | 1912 | 1911/ 1915 | |
| <i>Cadeia pública</i> | | 1888 | 1888 | | | | | |
| <i>Hospital</i> | | 1897 | 1905 | | | 1903 | 1920 | 1903 |

Observações: (*) Lei criada em 1898 que exigia que os animais fossem mortos no Matadouro Municipal. Logo, subentende-se que existia um em 1898. (**) Antigo Santa Clara (1874), novo em 1924. (***) Em virtude da visita do Imperador D. Pedro II a região em 1886, já há evidências de exercícios de embelezamento da cidade de Batatais para acolher os olhos do monarca. (****) A cidade de Jaboticabal recebeu os trilhos da Ferrovia Paulista em 1893. (****) Havia, na década de 1890, o Teatro municipal, porém com estrutura pouco atraente a elite local, dado o fato de não trazer as peças de Ribeirão Preto. Apenas em 1911, o Santa Clara se tornou este espaço comemorado pela cidade. Por fim, cabe salientar que a produção deste quadro se deu mediante acesso as seguintes obras PAZIANI (2004); MELLO (2009); FELLIPINI (2016); PEREIRA (1998); DUTRA (1993); GARCIA (2008); FERREIRA (2012); CHIAVENATO (2006). Sua publicação e análise pode ser encontrada em MELLO (2023, p.295).

Desta forma, a obra organiza uma leitura fundamental para a compressão de como regiões centrais do território nordeste do Estado de São Paulo (não Província, já que todos os trabalhos tomam o tempo republicano para análise) organizam experiências em Educação que reproduziram interesses locais.

Como obra aglutinadora de iniciativas de História da Educação na região, registro meu apreço e agradecimento aos professores Souza e Furtado, na medida em que tatuam na historiografia seu “lugar”. Por isso, considero tal “lugar social” da escrita da História da Educação na região não apenas uma obra fundamental para os pesquisadores, assim como eu, interessados em se debruçar sobre experiências desta natureza, como, também, aos cientistas que observam a realidade social em sua dinâmica complexa.

Meus mais sinceros parabéns aos organizadores e autores de capítulos. Entre os diversos acertos elencados no livro, a historiografia regional ganha uma obra para inquietar, ensinar e ampliar tantos outros interessados no exercício do “fazer história”.

REFERÊNCIAS

CHIAVENATO, Júlio José. **São Simão: a história contada pelo povo**. Ribeirão Preto: FUNPEC, 2006.

CINTRA, Rosana Aparecida. **Italianos em Ribeirão Preto: vinda e vida de imigrantes (1890-1900)**. Dissertação (Mestrado em História) – UNESP, Franca, 2001.

CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

DUTRA, Maria Stella Teixeira Fernandes. **A arquitetura de Batatais (1880-1930)**. Dissertação (Mestrado em História) – UNICAMP, Campinas, 1993.

FARIA, Rodrigo Santos de. **Ribeirão Preto, uma cidade em construção (1895-1930):** o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina. Dissertação (Mestrado em História) – UNICAMP, Campinas, 2003.

FELLIPINI, Anissa Veronica Santos. **O ímpeto abolicionista na Vila de Ribeirão Preto:** Rodrigo Pereira Barretto (1835-1910). Monografia de conclusão de curso em História. Centro Universitário Barão de Mauá: Ribeirão Preto, 2016.

FERREIRA, Priscila Fernanda. **As vilas de Jardinópolis:** modernidade, urbanização e exclusão numa localidade paulista. Monografia de conclusão de curso em História. Centro Universitário Barão de Mauá: Ribeirão Preto, 2012.

FONSECA, Sérgio Cesar da. A interiorização da assistência à infância durante a primeira república: de São Paulo a Ribeirão Preto. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v.28, n.1, p. 79-108, Mar. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010246982012000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 mai. 2020.\

FRANÇA. Jorge Luiz. **Meretrizes na Belle Époque do Café: cabaré e sociedade (1890-1920).** Monografia de Conclusão de Curso em História. Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, 2006.

GARCIA, Valeria Eugênia. **As tramas e o poder:** Jaboticabal (1895-1936) praça, igreja e uma outra história. Dissertação (mestrado) em Arquitetura e Urbanismo. USP: São Carlos, 2008.

GARCIA, Maria Angélica Momenso. **Trabalho e resistência: os trabalhadores rurais na região de Ribeirão Preto (1890-1920).** Dissertação de Mestrado em História. FHDSS. Universidade Estadual Paulista. Franca, 2004.

LAGES, José Antônio. **Ribeirão Preto:** da Figueira à Barra do Retiro – o povoamento da região pelos entrantes mineiros da primeira metade do século XIX. Ribeirão Preto: VGA Editora e gráfica, 1996,

MELLO, Rafael Cardoso de. **Um “Coronel de saias” no nordeste paulista:** a “Rainha do Café” em Ribeirão Preto. Dissertação de mestrado em História. UNESP: Franca, 2009.

_____. **Nos limites da civilização:** interiorização dos processos de educação na região de Ribeirão Preto/SP (1889-1930). Tese (Doutorado

em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2023.

MELLO, Rafael Cardoso (et al). **Entre contornos e fronteiras de um lugar social:** a contribuição do Curso de História do Centro Universitário Barão de Mauá. Curitiba: CRV Editora, 2020.

PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. **Construindo a Petit Paris:** Joaquim Macedo Bittencourt e a Belle Époque em Ribeirão Preto (1911-1920). Tese de Doutorado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2004.

PEREIRA, Robson Mendonça. **O municipalismo de Washington Luis em sua atuação em Batatais (1893-1900).** Dissertação (Mestrado em História) – UNESP, Franca, 1998.

REIS, Marcio Andreza dos. **O Eldorado dos imigrantes: a trajetória das famílias espanholas em Ribeirão Preto de 1890-1910.** Dissertação (Mestrado em História) – UNESP, Franca, 2002.

ROSA, Lucas Augusto. **Sementes de macadame:** o florescer da (des)organização social: Ribeirão Preto e o moderno processo de urbanização. (1900 a 1930). Monografia de Conclusão de Curso de Pós Graduação Lato Sensu – História, Cultura e Sociedade. Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto: 2008.

SOUZA, Sauloéber Tarsio de; FURTADO, Alessandra Cristina (orgs.). **História da Educação no nordeste paulista.** Campinas: Pontes Editores, 2020.

TUON, Liamar. **O cotidiano cultural em Ribeirão Preto (1880-1920).** Dissertação (Mestrado em História) – UNESP, Franca, 1997.